

ENTREVISTA

A FILOSOFIA JAPONESA
EM PERSPECTIVA

entrevista com
Mayuko Uehara

AUGUSTO DE CARVALHO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro | Rio de Janeiro | Brasil
augustobc.leite@unirio.br
orcid.org/0000-0001-6821-9074

Entrevista concedida no dia 8 de julho de 2022
no Departamento de Letras da Universidade de Quioto | Japão

Entrevistador | Augusto de Carvalho

Professora Uehara, você poderia se apresentar, por gentileza?

Entrevistada | Mayuko Uehara 上原麻有子

Considerando a minha idade e a quantidade de experiências que tive, eu poderia salientar muitas coisas, mas escolhi alguns pontos que acredito que possam te interessar.

Uma das partes importantes da minha formação é que fui estudar na França durante o meu período de pós-graduação. No Japão, minha área era literatura francesa; mas, quando cheguei à França, acabei mudando um pouco meu foco, embora tenha ingressado no mestrado em um departamento correspondente à minha área original, a literatura francesa.

Completei o mestrado e, para esse diploma, escolhi trabalhar o tema do sujeito. Como uma jovem estudante japonesa vivendo na França, eu precisava falar, ouvir e ler tudo em francês. Isso me levou a refletir profundamente sobre o tema do sujeito, tanto no sentido filosófico quanto linguístico. Por isso, decidi desenvolver uma pesquisa acadêmica sobre esse tema e escrever minha dissertação de mestrado a partir dessa questão. Nesse trabalho, procurei relacionar dimensões linguísticas e sociais do problema do sujeito. Depois de concluir o mestrado na Universidade de Paris 7, continuei meus estudos na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), onde fui aceita pelo professor Augustin Berque. Ele tinha grande interesse na questão do sujeito, mas me orientou a estudar Nishida Kitarō, porque, segundo ele, a questão do sujeito é ampla demais, com uma longa história conceitual e filosófica na tradição europeia. Para tratá-la adequadamente, seria preciso focar em um problema mais específico.

Como Berque é um pesquisador de estudos japoneses, ele me sugeriu ler Nishida. E assim começou meu encontro mais profundo com a filosofia japonesa. Eu já conhecia os nomes da Escola de Quioto, como Nishida Kitarō e Kuki Shūzō; já tinha lido, por exemplo, *A estrutura do Iki* (1930), mas nunca havia estudado sistematicamente ou pensado a fundo sobre essa tradição filosófica. Quando comecei a ler Nishida, deparei-me com questões extremamente difíceis. Cada conceito exigia muito esforço para ser compreendido. E, enquanto avançava, percebi a importância do problema da tradução; não só a tradução propriamente dita, mas a tradução de conceitos. A tradução de um conceito envolve necessariamente questões linguísticas, culturais e filosóficas. A partir disso, formulei meu próprio tema de tese de doutorado: pensar a filosofia de Nishida a partir da perspectiva da filosofia da tradução. Para compreender a fundo a Escola de Quioto, percebi que era necessário refletir simultaneamente sobre filosofia e tradução, sobre o próprio sentido da tradução.

Augusto de Carvalho

Você trabalhou com a questão da tradução enquanto estudava Nishida?

Mayuko Uehara

Sim. Enquanto pesquisava a filosofia de Nishida, eu percebi que era impossível avançar sem refletir sobre o papel da tradução. A tradução, especialmente no nível conceitual, exige lidar, ao mesmo tempo, com dimensões linguísticas, culturais e filosóficas. É um processo que vai muito além de encontrar equivalentes de vocabulário.

Para elaborar minha tese, comecei a explorar autores que tratavam diretamente da relação entre filosofia e tradução. Entre os filósofos franceses, por exemplo, Paul Ricoeur foi uma referência importante. Ele compreendeu muito bem o problema filosófico da tradução. Outro autor que me influenciou significativamente foi Ladrillard (Jean-René Ladrillard), que trabalha a chamada “filosofia da tradução”. Ele propõe reflexões fundamentais sobre como traduzir conceitos, como lidar com nuances culturais e quais são as implicações filosóficas de cada escolha tradutória.

Inspirada por esses estudos, estruturei minha tese de doutorado como uma pesquisa sobre a filosofia da tradução, tendo a obra de Nishida como fio condutor. Assim, minha tese consistiu em compreender Nishida a partir de uma reflexão sobre tradução — e, ao mesmo tempo, compreender a tradução à luz da filosofia de Nishida. Minha intenção era mostrar que, para entender profundamente a filosofia da Escola de Quioto, é preciso também pensar sobre o que significa traduzir, não apenas traduzir palavras, mas traduzir formas de pensamento. Com isso, eu pude desenvolver uma abordagem que articulava a leitura filosófica de Nishida com uma análise crítica sobre a tradução como atividade intelectual e criativa.

Augusto de Carvalho

Na sua opinião, por que a Escola de Quioto se tornou tão conhecida, tanto no Japão quanto fora daqui?

Mayuko Uehara

Lendo Nishida, Tanabe, Miki e outros filósofos da Escola de Quioto, sinto-me quase convencida de que a razão para essa projeção se resume a um ponto central. Se eu pudesse explicar em apenas uma palavra, usaria uma expressão do professor Augustin Berque: a *dépassement de la modernité* [superação da modernidade]. A Escola de Quioto propôs uma forma de pensar que não é a mesma da modernidade ocidental, marcada pelo dualismo entre sujeito e objeto. Nishida, em particular, buscou desenvolver uma maneira diferente de compreender a relação entre consciência, mundo e experiência. Podemos resumir bem a importância da Escola de Quioto dizendo que ela oferece uma alternativa filosófica ao dualismo ocidental de sujeito e objeto. Essa alternativa não é uma simples rejeição da modernidade, mas uma tentativa de superá-la e transformá-la, criando uma nova lógica de pensamento.

Augusto de Carvalho

Podemos desenvolver essa ideia? O que exatamente Nishida propôs como alternativa?

Mayuko Uehara

Sim, claro. Em japonês, podemos dizer que Nishida propôs um modo de pensar que escapa ao dualismo sujeito/objeto, um dualismo que se tornou fundamental na filosofia ocidental, especialmente a partir de Descartes, Kant, do idealismo alemão e das filosofias posteriores sobre a relação entre sujeito e mundo.

Há também um contexto histórico importante: o Japão introduziu a filosofia ocidental a partir do final do século XIX. Na virada para o século XX, os pensadores japoneses estavam especialmente interessados no idealismo alemão e traduziram muitos autores — Kant, Hegel, Schopenhauer e outros. A pesquisa sobre filosofia alemã se desenvolveu muito rapidamente. Por volta de 1920–1925, o nível acadêmico dessas pesquisas no Japão já era considerado muito alto. Filósofos como Kōsaka, Kuki Shūzō e Kōyama foram figuras importantes nesse processo, assim como estudiosos ligados a Nishida, que se dedicou intensamente a estudar filosofia alemã. Mas, ao fazer isso, ele tinha um objetivo claro: criar algo diferente da forma ocidental de pensar. Ele reconhecia o valor de Kant para pensar a relação entre sujeito e objeto, e também reconhecia o dinamismo da lógica de Hegel. Para ele, a ideia de identidade não deveria ser algo substancial e fixo, mas algo dinâmico, que se transforma.

Augusto de Carvalho

A Escola de Quioto reestruturou elementos da tradição ocidental a partir de um horizonte japonês?

Mayuko Uehara

Sim, de certo modo. Nishida, Miki, Tanabe, todos dialogaram com a filosofia ocidental, mas fizeram isso em japonês. E, como Miki observou em seu pequeno texto sobre tradução, as palavras e as ideias estão profundamente ligadas. Quando pensamos algo em outra língua, essa ideia já se transforma. Traduzir não é copiar, é criar. Por isso, ao traduzir conceitos alemães ou europeus para o japonês, os filósofos da Escola de Quioto acabaram desenvolvendo respostas próprias, não apenas repetindo o pensamento ocidental. Esse processo pode ser entendido como parte do que Berque chama de “superação da modernidade”: colocar a modernidade ocidental em questão, reconhecer seus limites, e, ao mesmo tempo, propor novas perguntas e novos caminhos. A Escola de Quioto não rejeita a modernidade, ela a transforma.

Os filósofos japoneses da Escola de Quioto desenvolveram suas ideias de maneira contínua e muito sensível ao contexto. Um exemplo importante é a questão do corpo *身體 mi*, que se tornou um tema central na filosofia japonesa posterior. Outro é a relação entre corpo e técnica *技術 gjutsu*. Esses temas não podem ser tratados apenas como questões internas da consciência, eles exigem

uma reflexão que envolve também o mundo, a sociedade, o ambiente, os objetos e os seres vivos. São temas dialéticos, que envolvem múltiplos agentes: o mundo, os indivíduos, a sociedade, as coisas, os seres humanos, a própria experiência. Assim, os filósofos japoneses tentaram desenvolver um pensamento capaz de contemplar esse conjunto de relações. Não se trata apenas de pensar o sujeito e sua consciência, mas de pensar o sujeito em relação com o mundo, com o corpo, com a técnica, com o ambiente. Por isso essa filosofia continua atraente contemporaneamente, porque ela tenta incorporar dimensões da vida concreta que não podem ser reduzidas ao sujeito ideal da filosofia moderna ocidental.

Augusto de Carvalho

Pode-se dizer que a filosofia japonesa desenvolveu-se acompanhando questões contemporâneas, como técnica, corpo e sociedade?

Mayuko Uehara

Sim, exatamente. A Escola de Quioto abriu caminhos para que filósofos posteriores refletissem sobre esses temas de maneira original. Muitos deles buscaram integrar corpo, técnica e sociedade dentro de um quadro filosófico que não separa rigidamente o sujeito do mundo.

Augusto de Carvalho

Gostaria de falar agora sobre o período entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e o aspecto político da Escola de Quioto. Há alguma relação entre a Escola de Quioto e o Estado japonês? A filosofia influenciou o Estado, ou o Estado influenciou a filosofia?

Mayuko Uehara

Começo dizendo que, em minha opinião, não houve uma influência direta e sistemática da Escola de Quioto sobre o Estado japonês. Se afirmássemos que sim, estariámos sugerindo que a filosofia da Escola de Quioto exerceu um papel central na formulação das políticas do Estado, o que não me parece verdadeiro. É claro que alguns políticos importantes estudaram na Universidade de Quioto e tiveram contato com professores como Nishida, mas isso não significa que a filosofia tenha moldado necessariamente o poder estatal. Portanto, no sentido direto, eu diria que não houve uma relação estrutural entre a Escola de Quioto e o Estado.

Augusto de Carvalho

E o movimento inverso, a influência do Estado nacional sobre os filósofos?

Mayuko Uehara

Essa é uma questão muito mais delicada. Já houve publicações sobre isso, e ela está diretamente relacionada à própria definição da Escola de Quioto. Havia, dentro da Escola, filósofos de posicionamentos distintos, alguns inclinados à direita, outros à esquerda. Sabemos que certos filósofos colaboraram, de alguma

forma, com políticas do Estado durante o período da guerra. Entre eles, podemos citar: Nishitani Keiji, Kōyama Iwao, Suzuki Takao, entre outros. Por isso, muitos leitores contemporâneos tendem a associar a Escola de Quioto ao pensamento de direita. Mas essa impressão é parcial.

Augusto de Carvalho

Então, talvez a reflexão sobre identidade, tão central na Escola de Quioto, tenha sido lida como uma reflexão sobre identidade nacional?

Mayuko Uehara

Sim, isso pode ter acontecido. O tema da identidade em Nishida, Tanabe e Miki é profundo e filosófico, mas alguns leitores interpretaram esses debates como discussões sobre identidade nacional. Isso ocorreu especialmente porque o Japão, naquele momento, enfrentava fortes pressões políticas, internas e externas. Assim, uma reflexão filosófica sobre identidade pode ter sido lida ou usada como uma reflexão sobre identidade social ou nacional. Alguns filósofos realmente se envolveram politicamente; outros não se engajaram, mas foram percebidos como tendo feito isso porque trabalhavam temas sensíveis no contexto da época. A verdade é complexa: nem sempre se trata de uma escolha pessoal; às vezes, trata-se de uma situação histórica da qual é difícil escapar.

Augusto de Carvalho

Sim, é difícil julgar. No workshop sobre Miki Kiyoshi, discutimos como alguns pensadores acabaram envolvidos por necessidade, e não por convicção.

Mayuko Uehara

Exatamente. A situação era ambígua. Miki, por exemplo, estava fora da Universidade, em precariedade profissional, e acabou colaborando de formas que hoje parecem problemáticas. Mas era um período extremamente difícil. É importante lembrar que, muitas vezes, pessoas são envolvidas em processos históricos sem plena consciência ou intenção. Só depois, quando a história é julgada pelas gerações seguintes, essas ações ganham sentidos que não eram claros no momento em que ocorreram.

Augusto de Carvalho

Gostaria de falar agora sobre estética. Como a estética japonesa se diferencia da estética europeia?

Mayuko Uehara

Essa é uma questão muito interessante e, ao mesmo tempo, bastante ampla. Em certos aspectos, é uma questão especializada, mas, por outro lado, diz respeito a qualquer pessoa interessada em arte. Eu me interesso especialmente pelo papel dos filósofos japoneses na compreensão da arte. Tenho trabalhado várias questões ligadas à estética e já escrevi alguns artigos sobre o tema. Em um deles, por exemplo, explico o conceito de “intuição poética” (ou intuição ativa) em Nishida e comparo isso com o processo de criação de máscaras no teatro Nō. Esse artigo sairá publicado em inglês em breve.¹

Ao comparar estética japonesa e europeia, um ponto importante foi destacado pelo professor Augustin Berque, referente à descoberta da paisagem. Na Europa, especialmente após o Renascimento, a paisagem se tornou um tema artístico central. Não porque ela “existisse” como objeto estático, mas porque os europeus a descobriram como algo digno de representação, algo a ser visto, contemplado e organizado pictoricamente. No Japão, porém, sobretudo no período Edo, a produção artística tinha um caráter muito diferente. Muitas pinturas japonesas eram concebidas como decoração, especialmente em biombo 屏風 *byōbu*, painéis e divisórias. E há uma característica marcante: o ser humano raramente está no centro dessas pinturas. Em contraste, muitas pinturas europeias colocam o ser humano como figura central, organizando a composição ao seu redor.

Augusto de Carvalho

Então a ausência da figura humana pode indicar diferenças profundas na forma de conceber o mundo?

Mayuko Uehara

Sim, exatamente. Por exemplo, nas pinturas chinesas de tinta 水墨画 *suibokuga*, que influenciaram fortemente o Japão, muitas obras não apresentam seres humanos. São apenas paisagens. Isso não significa que o humano seja irrelevante, mas que a natureza também é sujeito, e não apenas objeto. A arte japonesa, de modo geral, não coloca o humano como centro do mundo representado. A relação entre ser humano e natureza é mais fluida. A natureza não é apenas cenário, mas também presença, agente, interlocutora. Por isso, na estética japonesa, e também na filosofia, tendemos a pensar que o ser humano é sujeito, mas a natureza também possui uma espécie de subjetividade, e ambos estão em relação, em diálogo. Essa é uma diferença profunda em relação à tradição ocidental moderna, que costuma separar claramente sujeito e objeto, humanidade e natureza.

Augusto de Carvalho

Isso se relaciona com a noção de 風土 *fūdō*, do Watsuji?

¹ Ver: UEHARA, Mayuko. Performance philosophy seen through Nishida’s ‘acting intuition’. In: *The Routledge Companion to Performance Philosophy*. London: Routledge, 2020.

Mayuko Uehara

Sim, completamente. Para Watsuji, *fūdō* — “clima”, “ambiente”, “meio” — é uma relação inseparável entre ser humano e mundo. Não existe o humano isolado, nem uma natureza neutra: ambos se constituem mutuamente. Isso também aparece na estética, em que o humano não domina a natureza, mas participa dela.

Outro exemplo muito importante é o da perspectiva. A perspectiva japonesa não é igual à perspectiva europeia renascentista. No *浮世絵 ukiyo-e*, por exemplo, a perspectiva é construída de maneira muito particular, e foi tão inovadora que influenciou artistas europeus como Van Gogh e outros pintores impressionistas. Vários artistas europeus chegaram a comprar e estudar essas gravuras. Van Gogh, inclusive, adquiriu xilogravuras japonesas em Paris e as incorporou ao seu estilo. Essa influência cruzada é um exemplo bonito de diálogo cultural entre Japão e Europa, mostrando que a estética japonesa ofereceu aos europeus novas maneiras de ver e representar o mundo.

Augusto de Carvalho

Proponho falarmos agora da recepção da filosofia japonesa dentro do próprio Japão e no exterior.

Mayuko Uehara

Esse tema é muito importante porque a filosofia japonesa, especialmente a Escola de Quioto, não foi sempre valorizada da mesma forma. A recepção mudou bastante conforme o contexto histórico. Logo após a Segunda Guerra Mundial, havia um clima muito pesado no Japão, como já mencionado. O país inteiro estava traumatizado pela guerra, pela ocupação Americana e pelo sentimento de culpa. E, dentro do ambiente universitário, o marxismo se tornou a corrente acadêmica mais forte. Por causa disso, muitos filósofos associados ao período da guerra, ou que viveram antes dela, foram julgados de maneira muito severa. A Escola de Quioto, em particular, foi vista com grande desconfiança. Alguns estudiosos afirmavam que ela era conservadora ou alinhada à direita. Isso criou um preconceito muito forte contra a filosofia japonesa “pré-guerra”. Vários intelectuais evitavam estudá-la, tanto por convicção ideológica quanto por pressão social.

Augusto de Carvalho

Houve um apagamento da filosofia japonesa nessa época?

Mayuko Uehara

De certo modo, sim. Durante décadas, muitos estudos sobre a filosofia japonesa ficaram invisíveis ou marginalizados no Japão, enquanto a academia se concentrava quase exclusivamente em marxismo, fenomenologia, existencialismo e outras correntes europeias. Foi somente a partir dos anos 1990 que começou uma reavaliação mais equilibrada da Escola de Quioto. Esse movimento de redescoberta foi motivado por vários fatores: mudanças políticas

internas, abertura para perspectivas filosóficas não marxistas, novas gerações de pesquisadores, e, principalmente, o interesse crescente da academia estrangeira. Quando estudiosos americanos e europeus começaram a estudar seriamente a Escola de Quioto, os japoneses passaram a olhar de novo para esses filósofos com outros olhos. De repente, aquilo que havia sido ignorado ou condenado internamente passou a ser valorizado internacionalmente.

Augusto de Carvalho

É curioso como o olhar estrangeiro muda o olhar local.

Mayuko Uehara

Sim, e isso aconteceu de forma muito clara. O interesse internacional pela Escola de Quioto, especialmente nos Estados Unidos, na Alemanha e na França, fez com que muitos pesquisadores japoneses percebessem que aquela filosofia tinha grande valor, tanto histórico quanto conceitual. Hoje, há um movimento mais consolidado de estudos sobre Nishida, Nishitani, Tanabe, Watsuji e outros. Ainda há debates intensos, claro, mas a atitude geral é muito mais equilibrada e aberta. Depois de 1995, por exemplo, a disciplina de estética japonesa também passou por uma renovação. Muitos pesquisadores jovens retomaram temas que haviam sido deixados de lado por décadas. E, hoje, podemos dizer que a filosofia japonesa é novamente um campo ativo e reconhecido internacionalmente.

Portanto, a recepção da filosofia japonesa foi marcada primeiro por desconfiança e rejeição no pós-guerra, depois por um período de invisibilidade, e, por fim, por uma redescoberta graças ao interesse internacional. Esse percurso mostra como a filosofia é profundamente influenciada pelo contexto histórico e político.

Augusto de Carvalho

Podemos falar um pouco do seu próprio trabalho? Em quais temas você tem se concentrado recentemente?

Mayuko Uehara

Nos últimos anos, tenho me dedicado bastante à estética japonesa e à forma como ela dialoga com a filosofia de Nishida. Meu interesse principal é entender qual é o papel da intuição no processo artístico. Como mencionei, estou preparando um artigo sobre a relação entre a noção nishidiana de “intuição poética” (ou intuição ativa) e a criação das máscaras do teatro Nō. Essas máscaras são objetos extraordinários. Aparentemente imóveis, essas máscaras são capazes de expressar diferentes emoções dependendo da luz, da posição e da intenção do ator. Para mim, elas constituem um exemplo perfeito daquilo que Nishida descreve como um “ato de ver ativo”, ou uma forma de conhecimento que não separa sujeito e objeto.

Tenho me interessado também em examinar como a estética japonesa contemporânea tenta integrar elementos tradicionais (como o 物の哀れ *mono no aware*, o 幽玄 *yūgen*, a atenção ao detalhe) com formas modernas de expressão artística. A estética japonesa nunca foi estática; ela sempre se transformou em diálogo com novas práticas, novas técnicas e novas sensibilidades sociais. E, apesar disso, guarda certos princípios que permanecem reconhecíveis ao longo do tempo.

Augusto de Carvalho

Isso se conecta com a filosofia de Nishida e da Escola de Quioto?

Mayuko Uehara

Sim, completamente. Uma das coisas que me atraem no pensamento de Nishida é que ele não vê a arte como algo puramente subjetivo. Ele entende a criação artística como uma espécie de encontro entre o artista e o mundo, entre o corpo e a técnica, entre a matéria e a forma, entre o que é dado e o que é produzido. Essa visão é muito consistente com a estética japonesa, que sempre valorizou o papel das coisas (das matérias, das formas, das condições) tanto quanto o papel do artista. Por isso, quando estudo o teatro Nō ou outras práticas tradicionais, sinto que elas permitem compreender de maneira viva certos conceitos filosóficos da Escola de Quioto.

De modo geral, meu trabalho tenta construir uma ponte entre a filosofia japonesa, a estética, e a teoria da tradução. Essas três áreas se interligam de maneiras surpreendentes. Por exemplo, traduzir não é apenas transformar linguagem; é transformar visão, sensibilidade, maneiras de pensar. A estética pode ser vista, portanto, como uma forma de tradução do mundo. E a filosofia japonesa, ao enfatizar a relação entre corpo, mundo e ambiente, oferece ferramentas muito interessantes para pensar essa dimensão tradutória da experiência estética.

Augusto de Carvalho

Para concluir, gostaria de ouvir sua opinião sobre o futuro dos estudos de filosofia japonesa. Quais são os principais desafios e perspectivas?

Mayuko Uehara

Eu acredito que o futuro da filosofia japonesa será cada vez mais internacional. Atualmente, muitos pesquisadores fora do Japão estudam Nishida, Nishitani, Watsuji, Kuki Shūzō, Miki e outros filósofos. Existe um movimento muito ativo nos Estados Unidos, na Europa, especialmente na França, Alemanha e Itália, e também em outras partes da Ásia. Esse interesse externo é muito importante porque, como expliquei anteriormente, durante muito tempo a filosofia japonesa foi vista com desconfiança dentro do próprio Japão. Hoje, porém, existe uma reavaliação mais equilibrada, e os estudos estão crescendo novamente.

Augusto de Carvalho

E quais são os desafios internos, dentro das universidades japonesas?

Mayuko Uehara

O principal desafio é que o ambiente acadêmico no Japão está mudando rapidamente. As universidades estão passando por reformas que reduzem o espaço para pesquisas de longo prazo nas humanidades. Em algumas instituições, há menos apoio para disciplinas teóricas, e isso afeta tanto os estudos de filosofia ocidental quanto os de filosofia japonesa. Além disso, a filosofia japonesa ocupa uma posição um pouco ambígua dentro das estruturas universitárias. Em certos departamentos ela é estudada como filosofia; em outros, como literatura; em outros ainda, como estudos culturais. Isso cria um cenário fragmentado, onde a área nem sempre tem um lugar institucional claramente definido. Mas, ao mesmo tempo, essa dificuldade abre possibilidades interessantes. Como a filosofia japonesa é interdisciplinar por natureza, ela pode dialogar com estética, teoria da arte, estudos urbanos, antropologia, teoria política, teoria da tradução, estudos culturais, história intelectual. Essa abertura é, ao mesmo tempo, um desafio e uma riqueza.

Augusto de Carvalho

E quanto aos temas de pesquisa? Quais parecem mais promissores hoje?

Mayuko Uehara

Vejo muitos caminhos promissores. Por exemplo: estética contemporânea japonesa e seus diálogos com o cinema, a fotografia e as artes digitais. Relações entre filosofia, corpo e técnica, que se tornaram muito importantes diante das novas tecnologias. Estudos comparativos entre filosofia japonesa e filosofia europeia, especialmente sobre temas como sujeito, espaço, ambiente e mediação. Investigações sobre o papel da tradução conceitual na formação da filosofia moderna no Japão. Entre todos esses temas, a questão da tradução, no sentido amplo, parece cada vez mais central. Vivemos em um mundo profundamente conectado, e pensar como ideias circulam entre diferentes línguas e culturas é fundamental. Eu acredito que essa será uma das contribuições mais importantes da filosofia japonesa para o século XXI: mostrar que a tradução não é apenas um ato técnico, mas um processo filosófico que envolve maneiras de ver o mundo.

Augusto de Carvalho

Estamos chegando ao fim da nossa conversa. Gostaria de agradecer muito pela generosidade e pela profundidade das suas respostas. Há algo que você gostaria de acrescentar antes de encerrarmos?

Mayuko Uehara

Agradeço o convite e as perguntas tão cuidadosas. Para mim, é sempre importante participar desse tipo de diálogo, porque ele nos permite pensar de novo questões que, às vezes, damos por garantidas no cotidiano da pesquisa. A filosofia japonesa ainda tem muito a oferecer, especialmente se for estudada com abertura para o diálogo internacional. Fico feliz em ver pesquisadores como você, de diferentes países, interessados nesses temas. Acho que esse tipo de intercâmbio é essencial para o futuro da área. Espero que nossa conversa possa contribuir para o seu trabalho e, quem sabe, abrir caminhos para novas pesquisas e colaborações.

A FILOSOFIA JAPONESA EM PERSPECTIVA
entrevista com Mayuko Uehara
Entrevista recebida em 10/07/25 • Aceito em 13/11/25
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado